

# Prezada Cora Coralina, vamos falar dos sertões?

*Dear Cora Coralina, let's talk about the outerlands?*

Rozélia Bezerra<sup>1</sup>

**Resumo.** Sertão constituiu uma classe da localização geográfica desde que Pedro Álvares Cabral e suas caravelas estiveram na Terra de Vera Cruz, em meados do século XVI. Já nesse tempo houve o registro desse espaço através da carta do escriba da frota cabralina. Talvez por isto, os estudos sobre os sertões brasileiros, continuaram a usar, hegemonicamente, a escrita masculina como fonte de pesquisa. Assim sendo, este trabalho pretendeu fazer um giro contrário e mostrar a poética dos sertões brasileiros através da literatura escrita por mulheres. Foram analisadas poesias de autoras consideradas representantes do sertão de dentro e dos sertões de fora, cuja poesia foi publicada em diferentes suportes: livro e em fanzine. A análise seguiu as diretrizes propostas por Vernaide Wanderley e Eugênia Meneses. A escrita do trabalho seguiu um modelo de carta, tendo por destinatária a poeta Cora Coralina. Através dessa correspondência epistolar mostrou-se as nuances dos diferentes sertões que, ora é um lugar de poder, ora um entre-lugar, ora é um “self”, ora constitui os quatro elementos, bem como pode ser representado por cheiros, sabores e odores. Portanto, os sertões são polissêmicos, indo além de um espaço e um lugar de memórias e afetos.

**Palavras-chave.** Fanzine. Percepção ambiental. Nordeste. Centro-Oeste.

**Abstract.** “Sertão” constituted a class of geographic location since Pedro Álvares Cabral and his caravels were in “Terra de Vera Cruz”, in the middle of the 16th century. Already at that time there was a record of this space through the letter of the scribe of the Cabralina fleet. Perhaps for this reason, studies on the Brazilian hinterlands continued to use, hegemonically, male writing as a source of research. Therefore, this work intended to take a different turn and show the poetics of the Brazilian hinterlands through literature written by women. Poetry by authors considered to be representatives of the interior and the interior hinterlands, whose poetry was published in different media: book and fanzine, was analyzed. The analysis followed the guidelines proposed by Vernaide Wanderley and Eugênia Meneses. The writing of the work followed a letter model, addressed to the poet Cora Coralina. Through this epistolary correspondence, the nuances of the different hinterlands were shown, which is sometimes a place of power, sometimes an in-between, sometimes comprising the four elements, as well as being represented by smells, flavors and odors. Therefore, the “sertões” are polysemic, going beyond a space and a place of memories and affections.

**Keywords.** Fanzine. Environmental perception. North East. Midwest.

---

<sup>1</sup>Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP — Linha História da Educação. Professora da disciplina Viagens literárias aos sertões brasileiros: estudos das percepções femininas. Professora de História da Alimentação, no bacharelado em Gastronomia da UFRPE. Professora de TCC II do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pesquisadora do grupo CNPq MILBA — Memória e Imaginário da Literatura Brasileira e Africana da UFRPE. ID Lattes: 0968758655400113. ORCID: 0000-0002-9736-151X. E-mail: rozelia.bezerra4@ufrpe.br.

Prezada poeta Cora Coralina,

Como uma Introdução à minha conversa, com você, eu preciso lhe explicar muitas coisas. A primeira é o porquê de ter escolhido uma carta como forma de conversar sobre os sertões. Talvez seja por buscar a raiz primeva do registro da palavra sertão, na História do Brasil, representada pela carta escrita ao Rei de Portugal, por Pero Vaz de Caminha, considerado por Erivaldo Fagundes Neves (2012, p. 16), o “escriba da frota” cabralina. Dava-se, assim, naquele ano de 1500, a primeira notícia do encontro com os lugares ermos, longe e vastos, os sertões vistos a partir do mar. Mas, e também, é para retomar uma forma de escrita que caiu no olvido das pessoas. Sim, pois sabemos que as cartas foram usadas na Antiguidade como meio de filósofos exporem suas ideias, a exemplo de Epicuro em sua “Carta a Menuceu”, falando sobre a Felicidade. Ou o filósofo Sêneca, em suas “Cartas a Lucílio”, falando sobre a Velhice. Ou mesmo o apóstolo Paulo, em suas inúmeras cartas aos romanos, tessalonicenses, etc., falando sobre Cristo e o cristianismo. E assim continuou ao longo dos tempos, conforme a pesquisa feita por Teresa Malation, em 2015. Na página 198 do trabalho, ela nos disse que “A partir do século XVIII, as cartas adquiriram papel cada vez mais relevante para expressão de sentimentos, emoções e experiências”. Porém eu não quero ficar falando desses homens antigos e vetustos. Prefiro dar um longo salto no tempo e na temporalidade e trazer você mesma Cora, em sua correspondência epistolar com vários literatos brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, conforme ficou registrado pelo jornalista Rogério Borges (2021), contudo sem esquecer Monteiro Lobato ou Jorge Amado e Miguel Jorge, conforme descobri ao ler o trabalho escrito e publicado em 2020, pelas pesquisadoras Ivoni Richter Reimer e Ebe Lima Siqueira, no qual elas falam de sua vida, Cora, assim como falam da sua obra literária.

Aí, minha prezada poeta, veio uma dúvida epistemológica: como dar um perfil científico a uma Carta e, ao mesmo tempo, preservar-lhes os ares intimistas, amorosos, ternos? Minha cara, tive que pedir o socorro, a ninguém menos do que Paulo Freire, e seus documentos magistrais, escritos em formas de cartas, como é o caso de ‘Cartas à Guiné Bissau’, publicado em 1978 (n. p.). Olhe só como é lindo este fragmento que escolhi

Esta introdução pretende ser, sobretudo, uma carta-relatório que faço aos prováveis leitoras e leitores deste livro, tão informal quanto as que o compõem. Nela, como se estivesse conversando, tentarei, tanto quanto possível, ir fixando este ou aquele aspecto que me tem marcado em minhas visitas de trabalho à Guiné-Bissau.

E, recorrendo a mais um professor, fui buscar o aporte de António Nóvoa que, mais recentemente (2015) publicou sua “Carta a um jovem investigador em Educação” na qual explicou sua dificuldade em elaborar um texto nos padrões exigidos pelos periódicos científicos. A mesma coisa aconteceu comigo pois, igualmente ao professor Nóvoa (2015, p. 13), quantas vezes eu “Desisti e comecei a preparar uma intervenção mais normal. Mas a carta não me saía da cabeça, e venceu-me”. E, ainda, sendo imodesta e mostrando que venci esse dilema, digo a você, Cora que foi através de uma carta, que conversei com Paulo Freire sobre saberes, alimentos e literatura do Recife, em tempos de outrora e nos tempos da pandemia de Covid-19 (BEZERRA, 2021), sim, afinal, como o mestre português, creio que “Uma carta permite maiores liberdades do que outros estilos.”

Com isto, minha prezada poeta, creio que dou bons argumentos para justificar minha escolha de escrever uma Carta para falar sobre sertões.

Porém e mesmo diante dessa argumentação toda, você, ainda, poderá questionar: por que a escolha de seu nome como interlocutora ou destinatária? Para esta pergunta tenho algumas razões: a primeira visa dar uma explicação do meu incômodo pessoal sobre a hegemonia de

trabalhos usando a literatura, escrita por homens, nos estudos de percepção e representação sobre os sertões. E aí, perguntei: seriam ecos da Carta de Pero Vaz de Caminha e dos cronistas e viajantes que vieram depois? O fato, Cora, é que quando fui realizar minha pesquisa sobre esse tema, achei textos científicos, basilares, sobre literatura e as percepções sobre os sertões, porém com análise centrada na autoria masculina. Deixe-me lhe mostrar alguns exemplos: o trabalho de Janaína Amado (1995) no qual ela pesquisou, entre outras coisas, “literatura regionalista”, referendou oito nomes de autores<sup>2</sup>, e, dentre estes apenas um foi de mulher, e, mesmo assim, com a grafia equivocada: “Raquel de Queirós” (AMADO, 1995, p. 146). É como se o Brasil fosse desprovido de autoras e como se o “regionalismo” freyreano fosse o único válido na contraposição ao modernismo paulista da Semana de 1922. Cora, eu sei que você, nesses anos de 1930, ainda não publicava suas poesias, mas já havia mulheres escritoras, cujas obras já tinham sido publicadas desde o século XIX, a exemplo de Maria Firmina dos Reis, no Maranhão, Luiza Amélia de Queiroz, no Piauí e Ana Alexandrina de Cavalcanti de Albuquerque, em Pernambuco. E, considerando sertão, como lugar longe, vasto e ermo, conforme foi visto na carta de Pero Vaz de Caminha, essas autoras mulheres escreviam sobre os sertões.

Para ampliar minha busca, consultei o trabalho “O lu(g)ar dos sertões”, escrito por Gilberto Mendonça Teles publicado em 2005. O predomínio de autores masculinos é tão grande que, até mesmo no referencial teórico são citados 44 autores e desse total, aparecem somente duas mulheres. Aí Cora, minha esperança estava em um trabalho de 2012, coordenado por Lorelay Brilhante Kury, intitulado “Sertões adentro: viagens às caatingas século XVI a XIX”. Fui à leitura da obra e, apesar do predomínio de autoras nos seis capítulos do livro, ao estudar “as letras dos sertões” (KURY, 2012, p. 160–203), a escolha da fonte e objeto de pesquisa, recaiu sobre Manuel Arruda da Câmara, um autor pernambucano e iluminista do século XVIII. Outro autor que colaborou nessa mesma coletânea, e já citado anteriormente, foi Erivaldo Fagundes Neves que, em sua pesquisa sobre os “antecedentes literários que se destacaram na poesia” sobre os Sertões (NEVES, 2012, p. 32) cita os poetas: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Castro Alves. O mesmo acontece quando ele fez citações de prosistas: Bernardo Guimarães, José de Alencar e Alfredo Taunay. Até mesmo as autoras que me serviram de embasamento teórico-metodológico de análise das poesias escolhidas, Vernaide Wanderley e Eugênia Meneses (1997) fizeram estudos literários das obras de três autores: Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Como você pode perceber, Cora, a hegemonia masculina, nesses trabalhos, é total.

Depois disso tudo, chego à segunda razão de minha escolha para seu nome, como minha destinatária e interlocutora da Carta. Neste ponto, fui ajudada pelo próprio Dossiê da Revista Galo, quando ele diz que “o termo sertão extrapola as fronteiras nordestinas, e é percebido como construção espacial, cultural e representação histórica em outras localidades”. Desse modo, surgiu a abertura para eu escolher uma poeta<sup>3</sup> representando os sertões de dentro do Brasil, ou seja, os sertões do Centro-Oeste. E, prezada Cora Coralina, não houve dúvida em lhe escolher como aquela autora que bem representa esse outro sertão. Até porque, devo lhe dizer que minha escolha por seu nome, também, foi baseada, não só na razão, foi razão e sensibilidade, copiando a autora inglesa, Jane Austen. Tudo começou por volta do ano 2002, em uma viagem que fiz aos sertões das Alagoas, mais exatamente, à cidade de Piranhas. Na ocasião, fiquei hospedada em uma pousada, cujo esposo da proprietária fora um grande leitor, mas estando, quase, cego não lia mais. Pois bem, Cora, foi nessa ocasião que conheci suas

<sup>2</sup>Janaína Amado (1995, p. 146) cita os seguintes autores: Graciliano Ramos, José Lins do Rego Jorge Amado, João Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro e Francisco J. C. Dantas.

<sup>3</sup>Cora, o predomínio masculino é tão grande, que o computador sublinha o termo “uma poeta”, como erro. Se formos à pesquisa ortográfica, o corretor manda dizer que é “um poeta” e “uma poetisa”.

poesias, porque ao descobrirem que sou professora, me pediram para lê-las.

Entre esse fato e agora, lá se vão longos 19 anos e, de novo, me vejo às voltas com a leitura de seus versos. Desta feita, não mais para deleitar ouvidos alheios, mas para ratificar o porquê de minha escolha e dar-lhe mais uma razão. O fato é que, no primeiro semestre de 2020, elaborei uma proposta de disciplina escolar chamada “Viagens literárias pelos sertões: estudo das percepções femininas”, e você está entre as poetisas escolhidas como fonte de pesquisa. Porém, já na nossa primeira semana de aula, em março de 2020, tivemos que suspender as atividades escolares, na universidade em que sou docente, por causa da pandemia de Covid-19. A partir de então, nossos sonhos foram adiados e o mundo caiu em uma espécie de exílio de si mesmo, em um torpor amedrontado. O mundo ficou fora de nossa casa. E agora, passado mais de um ano, você, Cora, pode imaginar minha alegria quando vi o chamado público da Revista Galo<sup>4</sup> para escrever um trabalho e submetê-lo à avaliação do Dossiê “História dos Sertões: espaços, sentidos e saberes”? Sim, finalmente, eu via uma oportunidade de conversar com as autoras que integravam o repertório literário, escolhido para estudo na disciplina. Bom, sei que terei de vencer as etapas de avaliação, mas é uma oportunidade que não poderia desperdiçar.

Comecei a pensar na escrita e aí surgia aquilo que chamo de esquina metodológica, isto é, como escolher fontes de pesquisa, quando são em número grande? Sim, porque são várias mulheres autoras indicadas para a leitura na disciplina “Viagens literárias” e, assim sendo, não caberia neste trabalho. Minha cara poeta, fui obrigada a fazer um recorte entre os nomes das autoras. Foi quando escolhi o nome de uma poeta nascida no estado do Ceará, permanecendo o seu nome como destinatária desta missiva para que, de forma dialógica, eu desse a conhecer a poética dos sertões brasileiros na literatura escrita por mulheres.

Vencida esta etapa da escolha dos nomes, chegava a outro obstáculo: a metodologia de análise. Aí, lembrei-me de um livro que eu houvera comprado, lá pelo início dos anos 2000, em um sebo que funcionava na entrada principal da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Escrito em 1997, por Vernaide Wanderley e Eugênia Menezes, as autoras, conforme elas mesmas disseram na página 13, não fizeram uma “abordagem direta dos processos e relações sociais do sertão brasileiro”, antes, “usaram a visão de três autores sobre ele” e, para isso, elegeram quatro perspectivas de análise, a saber: **Natureza**, como cenário onde se desenvolvem as ações humanas; a **Família**, caracterizada por pai, mães, filhos, parentes e agregados; **Poder**, isto é as relações sociais e a produção de espaço, e, por fim **Religião/Sobrenatural** (deixe-me dizer que os negritos estão no original, tá?). Será que estas perspectivas de análise estão presentes na tua poesia Cora? Ou na poesia de Nara Sousa? Porém minha cara, é bom que as pessoas se fixem em um aspecto importante: conforme foi apontado Júlia Dantas e Rosineia Ferreira (2020, p. 17), o estudo sobre espaço “possibilita outra visão sobre o espaço, possibilita ampliar possibilidades interpretativas fazendo com que seja uma abordagem explicitadora e não limitadora”.

Depois disso Cora, faltava escolher um poema que você escreveu, de modo a refletir sobre a possibilidade de estudar e vir a superar a visão retrógrada dos sertões, conforme outra advertência feita pelo mesmo Dossiê, quando este diz que a historiografia tradicional tende a mostrar “o interior e o sertão...ligados à ideia de inculto, espaço distante e atrasado”. Desse modo, escolhi o poema “Estória do aparelho azul-pombinho”, publicado, originalmente, na década de 1960 no livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”. Porém, devo dizer que o exemplar que consultei, foi publicado na década de 1990, pelo Círculo do Livro.

Minha querida Cora, a partir da leitura de seu poema, sobre a compra de um aparelho de jantar na cor azul-pombinho, lá no sertão central do século XIX, eu identifiquei com o sertão

<sup>4</sup>REVISTA GALO chamada do Dossiê: **História dos Sertões: espaços, sentidos e saberes**. Disponível em: <<https://revistagalo.com.br/noticias/chamada-4ª-edição/>>. Data de acesso: 13 ago. 2021.

de Emanuel Araújo (2000, p. 45) que o chamou de “tão vasto, tão ermo tão longe...o sertão nos tempos coloniais”. Também, através de sua leitura, compreendi que sua percepção se aproxima dos apontamentos feitos por Pablo Dener (2003, p. 93), no trabalho sobre os “sertões no Centro-Oeste”, cuja análise da iconografia elaborada no século XVIII, sobre os Sertões do Centro-Oeste, apontou que elas “não se concentram primordialmente nas singularidades da natureza (...) mas sobretudo registra a paulatina presença colonizadora”. Sim, Cora, e você mostrou a presença do colonizador e seus carros de boi, na busca pelo ouro em profusão. Em contrapartida, você descreveu a natureza, e seus quatro elementos, ao mesmo tempo em que ela constitui um rico “cenário onde se desenvolvem as ações humanas”, como disseram Wanderley e Menezes (1997, p. 13), e isto acaba por interferir na paisagem natural, conforme podemos ver nesse verso a seguir

E o antigo carro  
 Por ano e meio quase  
 Rolou, sulcou, cantou e levantou poeira  
 rechinando  
 por caminhos e atalhos,  
 vilas e cidades, campos, serobais.  
 Atravessou rios em balsas.  
 Vadeou lameiros, tremedais.  
 Varou Goiás—fim de mundo  
 Cortou o sertão de Minas  
 O planalto de São Paulo

Além disso, o que ficou muito nítido, no poema que você escreveu, são outras perspectivas de análise, como Família, Poder e Religião, tudo isto com larga “superioridade pessoal e grupal baseada na força, tradição, prestígio autoridade e riqueza”, conforme os apontamentos de Wanderley e Menezes (1997, p. 13–14).

Cora, cada estrofe do poema que você escreveu revela a estrutura de poder da Goiás Velha. Mostra uma sociedade abastada, de natureza patriarcal e escravocrata, é verdade, mas que mantinha comunicação com os rincões do mundo daquela época. Fora isso, as estrofes do seu poema são generosas em mostrarem os aspectos geo-sócio-antropológico do sertão de dentro, conforme a sugestão de Wanderley e Menezes (1997), ao analisarem as obras literárias de Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa.

Finalmente, seu poema<sup>5</sup>, como você mesma disse, conta a “estória de um aparelho de jantar que tinha sido encomendado de Goiás através de uma rede de correspondentes como era norma, naquele tempo”. Um sinal de luxo e poderio econômico de um Cônego velho que mandou comprá-lo no Cantão, a um “fabricante-loiceiro”, como um presente das bodas de seu sobrinho e afilhado. Bodas realizadas

com aparato.  
 Fartas comezainas.  
 Vinho de Espinho — Portugal  
 Da parte do correspondente.  
 Aparelho de loiça da China.

---

<sup>5</sup>Coralina ([199-?], p. 27).

Faqueiros e salva de prata  
Compoteiras e copos de cristal

Na sobremesa, minha bisavó exultava...  
Figurava uma pinha de ilusão  
Toda ela de cartuchos de papel verde calandrado  
Cheios de confeito de ouro em filigrana.  
Mimo aos convidados graduados:  
Governador da província.  
Cônegos, monsenhores, padres-mestres,  
Capitão-mor.  
Brigadeiros. Comendadores  
Juizes e provedores.  
Muita pompa e toda a parentela  
Por amor e grandeza desse fasto.

Diante dessa escrita, Cora, você permite a reflexão sobre a visão dicotômica do sertão, sempre, como o “interior e o sertão... ligados à ideia de inculto, espaço distante e atrasado”, e, com isso, ratifica o alerta feito pelo Dossiê da Revista Galo de que os sertões são muitos, são vários. Permite refletir sobre o lugar como um poder e permite identificar as hierarquias sociais. Portanto, podemos dialogar com Júlia Dantas e Rosineia Ferreira (2020, p. 127), quando elas disseram que não ocorrem desencontros entre um espaço e os artefatos que o compõem. Antes, o teu poema “é capaz de esclarecer como os elementos se coadunam e se inter-relacionam dentro da poesia.”

Outra perspectiva de análise, minha querida Cora Coralina, permite-lhe identificar enquanto a doceira da Goiás Velha. Sim, você está nos seus versos quando você se lembrou dos doces em forma de “confeitos”, ou os modos de apresentá-los, guardando a estética da mesa uma vez que foram acomodados em “compoteiras” de cristal (p. 29). Sua poesia pode ser pensada como um Registro da gramática da doçaria de Goiás.

Minha querida, quando analisei o trabalho de Clovis Brito (2007, p. 129), no qual ele estudou o livro “Os Becos de Goiás” pude entender, perfeitamente, seu poema “A estória do aparelho azul-pombinho”. Ele disse algo, sobre você e sua poesia, que considero lapidar

A autora retratou hierarquias que deveriam conter os “indesejáveis” e construiu uma declaração de afeto ao amar e cantar com ternura o considerado “errado” da sua terra. Ao invés de poetizar a realidade a partir dos monumentos reconhecidos pelo poder institucionalizado, descreve-a da periferia, das injustiças e violências, construindo um contundente testemunho da estrutura autoritária, preconceituosa e excludente de seu tempo.

E foi a partir de seu poema, sua *poiesis*, que me permiti fazer umas perguntas: será que os sertões de fora são percebidos e representados da mesma forma que o seu sertão, Cora? O que os aproxima e o que os distancia? Qual a percepção da autora cearense escolhida para análise e em diálogo com sua poesia? Será que ela enfatizou as mesmas perspectivas suas? Assim, fiz o caminho inverso, partindo do seu sertão central para falar do sertão nordestino, o sertão de fora. E para buscar respostas a essas perguntas, escolhi a poeta Nara Sousa, natural dos sertões do Ceará, nascida em Caucaia, cidade atualmente localizada na região metropolitana de Fortaleza.

A poesia de Nara foi publicada no fanzine Mais Nordeste Por Favor, especial siará, editado entre agosto e outubro de 2019, por Adelaide Ivánova e Antônio Lacarne, e como disseram, na quarta capa do fanzine, isto ocorreu “durante as queimadas na floresta amazônica e o vazamento de óleo nas praias do nordeste... ambos são culpa do governo criminoso de jair bolsonaro<sup>6</sup>”. Diante disso, já podemos sentir ou antever a força da poesia sobre estes sertões de fora.

Cora, antes de continuar a escrita desta carta, quero fazer uma reflexão, afinal estou lhe falando sobre “fanzine” e, nem sei, se você sabe o que é. Assim e por via das dúvidas, resolvi fazer uma breve incursão sobre essa temática, para que possamos nos entender.

Minha querida, olha que descobri alguns estudos bem interessantes, particularmente o trabalho de Edgard Guimarães (2020), considerado uma grande referência nesse campo de estudos. A partir dessa referência, escolhi o conceito de fanzine dado por ele, na página 13 do mesmo trabalho: “De um modo geral o Fanzine é toda publicação feita pelo fã. Seu nome vem da contração de duas palavras inglesas e significa literalmente *revista do fã* (de fanatic magazine)”. Se formos pensar no mito de origem do fanzine, Henrique Magalhães (2018, p. 15) nos diz que o fanzine surgiu, como uma “primeira onda”, no início do século XX, tendo como mote as narrativas classificadas como “ficção científica”. E, por seu modo de apresentação o fanzine foi categorizado como um “Gênero literário ainda tratado como subliteratura”. Diante dessa discriminação e antes que possam nos questionar sobre a validade acadêmica e documental desse tipo de suporte material de escrita, trago um estudo realizado na Universidade Autônoma do México, por Clemente Pacheco (2000, s/p), sobre o fanzine como recurso bibliográfico. Uma tradução livre<sup>7</sup> do fragmento de texto que escolhi para apoiar minha escolha de fonte, nos diz que

O importante é ressaltar que, independente do processo que se segue, para que o documento seja considerado como recurso ou fonte bibliográfica, é necessário que tanto o conteúdo quanto o suporte possam ser identificados e recuperados por alguns meios em que o registro do documento em causa lhe conduza diretamente a ele, quer através de uma classificação quer de uma assinatura organizada e coerente.

Assim, digo a você, Cora, que consegui o exemplar do fanzine analisado, diretamente com Adelaide Ivánova, a editora dos textos, ao fazer uma viagem a Berlim, no ano de 2019, para pesquisar o roteiro de Walter Benjamin em sua infância, nessa cidade. Mas esta é outra história que um dia falarei dela. No momento interessa falar da poesia, escrita por mulheres, sobre os sertões de fora.

Antes de continuar porém, digo que mesmo com esta perspectiva de distanciamento e exterioridade, extrapolo de que o sertão de fora e o sertão planaltino, lugar de onde você fala em sua poesia, têm em comum o fato histórico de que foram espaços colonizados e ocupados, em tempos do Brasil Colônia, pelas boiadas vindas das Ilhas Canárias ou do continente português, conforme apontam os estudos de Capistrano de Abreu (1899, 1988) e de Manoel Correia de Andrade (1964). Quero dizer com isto que, também, se deu “a ocupação pecuária na conquista do sertão de fora”, em terras que já eram habitadas pelos indígenas, senhores e reais detentores

<sup>6</sup>Esta transcrição literal do texto respeitou a grafia, em letra minúscula, do nome próprio citado.

<sup>7</sup>...lo importante es señalar que, independientemente del proceso que se siga, para que el documento pueda ser considerado como recurso o fuente bibliográfica, es menester que tanto el contenido como el soporte sean susceptibles de ser identificados y recuperados a través de algún medio en el que el registro del documento en cuestión conduzca directamente al mismo, ya sea a través de alguna clasificación o de alguna signatura organizada y coherente. (PACHECO, 2000, p. 8).

de seu direito de uso, os quais foram mortos a ferro, fogo, por doenças que foram tropicalizadas e pela escravização.

Não é possível ignorar que os Sertões de fora disputaram terras com o litoral, terra de massapê e usada, exclusivamente, para o plantio da cana-de-açúcar e de engenhos. Isto conferiu uma Cultura do Couro, outra Cultura do Açúcar. Sim quando analisamos o trabalho de Emanuel Araújo (2000, p. 49), vemos que, mesmo em se tratando de áreas de criação de gado, os sertanejos oriundos das capitanias do Norte do Brasil, se distinguiram porque os criadores de gado bovino “precisavam de extensões de terra maiores que as do engenho e, sobretudo, muito mais longe das áreas férteis próximas ao litoral, onde se desenvolveu o plantio de cana-de-açúcar”.

Cora, se pensarmos na província do Siará, região de caminhos de gado e caminhos de mar, notadamente a região de Caucaia, terra da poeta Nara Sousa, originalmente habitada pelos indígenas, veremos que a etnia dominante era dos Caucaia, o que acabou virando a toponímia e sua terra de nascença. O poema dela, “Sertão” é um lugar, ou melhor, configura um entre-lugar, situado entre a terra e o mar e, creio firmemente, que essa ambiguidade teve fortíssima influência sobre a poeta e isto se projeta nas três primeiras estrofes de sua poesia onde ela diz que

O meu poema tem gosto de terra  
Nunca de mar  
Porque cresci olhando o mato  
Aspirando o seu perfume  
Tem cheiro de terra quando a chuva cai  
Tem gosto de terra desejando a chuva.

Cora, observando esse poema, sob a perspectiva analítica de Wanderley e Menezes (1997, p. 13), nós vemos que ele é uma apologia à Natureza, “como cenário onde se desenvolvem as ações humanas”, como dizem estas autoras.

Também, a escrita pode ser analisada na perspectiva do bucolismo do poeta Virgílio. Pode ser vista através da lente da percepção ambiental e da topofilia. Também gostaria que nós vissemos que, nessa poesia, o Sertão é representado como espaço e lugar, conforme foi apontado por Lucy Marion Machado (1999, p. 97). Ela nos diz que “Apreendemos a realidade que nos cerca por meio dos sentidos que podem ser comuns (visão, audição, tato, olfato, paladar) ou especiais, como o sentido das formas, da harmonia, de equilíbrio, de espaço, de lugar”. E, vemos que, no poema, a presença dos sentidos é dominante. Quem, nunca sentiu o “cheiro de terra quando a chuva cai”? Ou aspirou e sentiu o cheiro de mato, depois de uma chuva, depois de uma poda, da colheita?

E, o mais impressionante, Cora, pois não sei se você percebeu, é que a poeta levanta a possibilidade do sentido do paladar “como fonte de emoções” (ACKERMAN, 1990, p. 207). Sim, emoções da terra que parece viva, pois o Sertão “tem gosto de terra desejando a chuva” numa proposta de dádiva, de Gaia, de mãe que acolhe e dá frutos, após ser molhada e fertilizada.

Diante desse império dos sentidos, creio que só nos resta fazer uma grande reverência à teoria de Diane Ackerman (1990, p. 15), para quem “Os sentidos definem os limites da consciência”.

Se você prestar bem atenção, Cora, verá que os limites da consciência sobre o “Sertão” se constituem a partir de uma ligação telúrica de Nara Sousa com a terra, sem olvidar os demais elementos naturais: a água, o ar e o fogo. O Sertão de Nara Sousa se imbrica com terra,



mato e chuva, “nunca de mar”. Pelo mar, chegaram os invasores de sua terra, lá no início da colonização. Seria por isto que ela virou as costas para as águas e cresceu “olhando o mato”?

Por sua vez, o Sertão de dentro, o seu Sertão, Cora, tem outra imbricação. Liga-se às pessoas, em seus respectivos estratos sociais. O que mais se destaca é o poder, o lugar de mando, de domínio, de poder comprar e vender liberdades. Um lugar social e não um lugar geográfico, de topofilia.

Prezada Cora, depois dessa longa digressão, preciso terminar. Faço isto com a esperança que tenhamos conseguido dar uma pequena amostra sobre os sertões do Centro-Oeste e os sertões do Nordeste do Brasil, através da literatura escrita por mulheres. Não, apenas, para mostrar as aproximações e distanciamentos das representações, mas, também, para realçar a importância da linguagem poética como fonte de pesquisa, ao mesmo tempo em que fomos em busca de um tempo perdido e retomamos a carta como um modo de escrita acadêmica. E, principalmente, tenhamos conseguido mostrar que a literatura “permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época”, como disse a historiadora Sandra Pesavento (2005, p. 82).

Receba meu afetuoso abraço

Rozélia Bezerra

Recife, em 25 de setembro de 2021, desde a Estrada do Encanamento e do mesmo lugar, onde, um dia, foi a casa na qual Paulo Freire nasceu e viveu até os dez anos.

PS: Cora, mando para você este *post scriptum*, a fim de lhe mostrar a lista das **Referências Bibliográficas** que usei para entender os pensamentos científico E POÉTICO sobre o conceito de sertão. Segui as normas da ABNT, conforme, sempre, nos é solicitado, e não seria diferente agora, tá?

## Referências

ABREU, J. C. d. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e EDUSP, 1988.

ACKERMAN, D. **Uma História Natural dos sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

AMADO, J. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145–151, 1995.

ANDRADE, M. C. d. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

ARAÚJO, E. Tão vasto, tão ermo, tão longe: o Sertão e o sertanejo nos tempos coloniais. In: PRIORI, M. del (Org.). **Revisão do Paraíso: 500 anos e continuamos os mesmos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000. P. 45–92.

BEZERRA, R. Querido Paulo Freire, deixe-me falar com você sobre o Sapere, Alimentos e Literatura (SAL) no Recife dos tempos da Covid-19 e de outrora. **Revista Mangút: Conexões Gastronômicas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 223–238, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mangut/issue/view/1760>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BORGES, R. Exposição resgatará a correspondência entre Cora Coralina e Drummond: Fundação Casa Rui Barbosa abre este mês a exposição “Nunca Te Vi, Sempre Te Amei”, onde mostra a relação dos poetas que nunca se viram, mas se admiravam. **O Popular**, Goiânia, 3 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/noticias/magazine/exposicao-resgatar-a-correspondencia-entre-cora-coralina-e-drummond-1.2296012>>. Acesso em: 23 set. 2021.

BRITO, C. C. Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina. **Sociedade e cultura—Revista de Ciências Sociais**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 115–129, 2007.

CORALINA, C. Estória do aparelho azul-pombinho. In \_\_\_\_\_. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Círculo do Livro, [199-?] P. 27–31.

DANTAS, J. d. S.; FERREIRA, R. S. F. Memórias do espaço na produção lírica de Cora Coralina. **VALITTERA—Revista Literária dos Acadêmicos de Letras**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 127–137, 2020.

DIENER, P. Iconografia das margens: A ‘Rota Pitoresca’ nos sertões do Centro-Oeste. In: PRIORI, M. del; GOMES, F. (Org.). **Os Senhores do Rio: Amazônia, margens e Histórias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. P. 93–122.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GUIMARÃES, E. **Fanzine**. João Pessoa: Marca de Fantasia e NAMID, 2020.

KURY, L. B. Manuel Arruda da Câmara: A República das letras nos sertões. In \_\_\_\_\_. (Org.). **Sertões adentro: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, 2012. P. 160–203.

MACHADO, L. M. C. F. Paisagem valorizada: A serra do Mar como Espaço e como Lugar. In: RIO, V. del; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio, 1999. P. 97–120.

MAGALHÃES, H. **Pedras no Charco: Resistência e perspectivas dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia e NAMID/UFPB, 2018.

MALATION, T. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, C. B.; DE LUCA, T. R. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015. P. 195–222.

NEVES, E. F. A polissemia dos sertões. In: KURY, L. B. (Org.). **Sertões adentro: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, 2012. P. 15–57.

NÓVOA, A. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação: Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação**, Porto, v. 2, n. 3, p. 13–22, 2015.

NUNES, E. F. A polissemia dos sertões. In: KURY, L. B. (Org.). **Sertões adentro: viagens nas caatingas, séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, 2012. P. 16–54.

PACHECO, C. G. L. **Los Fanzines como un recurso bibliográfico**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

SIQUEIRA, E. L.; REIMER, I. R. Vida e obra de Cora Coralina. **Caminhos**, Goiânia, v. 18, p. 930–942, 2020.

SOUZA, N. Sertão. In: IVANOVA, A.; LACARNE, A. (Org.). **Fanzine Mais Nordeste Por Favor 2: Especial Siará**. Berlim: Bolagato Edições, 2019. P. 1–23.

TELES, G. M. O lu(g)ar dos sertões. **Verbo de Minas: letras**, Juiz de Fora, v. 8, n. 16, p. 71–108, 2009.

WANDERLEY, V.; MENEZES, E. Viagem ao sertão brasileiro. In\_\_\_\_\_. **Leitura geo-sócio-antropológica de Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa**. Recife: FUNDARPE e CEPE, 1997.

Recebido em 25 set. 2021

Aprovado em 2 out. 2021

